

## 11. Transmitir o amor humilde de Cristo

Jesus não lança uma ONG de beneficência, de assistência aos pobres, mas a Igreja como comunidade de pessoas cujo vínculo é a comunhão transmitida por Jesus que morreu e ressuscitou para salvar o mundo, a comunhão que Ele veio nos transmitir do coração da Trindade para que toda a humanidade possa alcançar sua plenitude na participação eterna na Comunhão Trinitária. O propósito do lava-pés não é que meu irmão tenha pés limpos, que ele se sinta bem, e eu também, se seus pés fediam, mas que estejamos unidos na comunhão de Cristo. Por esta razão, a lavagem dos pés em São João corresponde à instituição da Eucaristia nos Sinóticos. De fato, mesmo aqui, como na Eucaristia, Jesus insiste em "fazer memória d'Ele". Não é apenas uma questão de seguir um exemplo, mas de o transmitir, mantendo-o entre nós, o novo relacionamento que Cristo estabelece conosco. Jesus se preocupa em deixar aos seus discípulos a transmissão de seu humilde amor, aquele que sempre cria unidade, que sempre restabelece a comunhão, que é sempre vencedor sobre o *diabolo* de que fala São Bento.

Fazer memória de Cristo é essencial para a Igreja, para uma comunidade cristã, porque não se trata apenas de recordar ou trazer à mente alguma coisa, mas de transmitir um acontecimento em ato, aquele do amor de Cristo que gera a comunhão.

Vamos pensar na visão da vida monástica de São Bento. Não poderia ser resumida com o testamento que Jesus nos transmitiu com o lava-pés? A insistência de Bento na humildade e na fraternidade não deriva talvez dessa consciência?

Jesus retoma e recapitula este testamento, ou melhor, este envio, no final dos discursos da Ceia, na sua chamada "oração sacerdotal" ao Pai: "Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim. Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim." (Jo 17,20-23).

Bastaria esta passagem da oração sacerdotal de Cristo para compreender todo o mistério, o que aqui está em jogo, a importância inerente ao nosso "viver juntos". Em primeiro lugar, Jesus nos faz entender que viver juntos, viver unidos, ser um como o Pai e o Filho são uma só coisa no Espírito, já é transmissão, é como a encarnação da transmissão da Salvação para o mundo, da transmissão ao mundo da missão do Filho-Salvador.

A salvação e a fé que a acolhe são transmitidas pela comunhão que une a Igreja, que une os membros de cada comunidade. Se trata de uma transmissão divina, não só porque é a transmissão da missão do Filho, mas porque o que é transmitido é precisamente o amor de Deus, o Amor que é Deus, o Amor Trinitário, a glória de Deus: "Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim." (Jo 17.22-23).

O que pode ser mais valioso e maior que essa transmissão? E não é a transmissão de algo que passa pelas nossas mãos sem deixar vestígios, porque é a comunhão entre nós que é a missão, que é a transmissão de Cristo ao mundo. O que nos une, o que

experimentamos, o que nos mantém juntos é, paradoxalmente, o que irradia para além de nós, o mais distante de nós, até os confins do mundo. O que está mais intensamente *entre nós* é o que é mais amplamente se transmite *ao nosso redor*. A comunhão em Cristo é o que é mais central e mais periférico na experiência cristã. A glória de Deus, aquela que Jesus nos dá, é verdadeiramente como uma chama: quanto mais ela queima no centro, mais irradia calor e luz ao redor e para longe de si mesma.

Sem a consciência dessas dimensões do nosso "viver juntos", a comunidade é reduzida a um refúgio intimista, cada vez mais "burguês", que nunca será confortável o suficiente, no qual nos garantimos espaços individualistas (em amizades ou no trabalho, ou em contatos externos, ou outras dependências dopantes), e que deixaremos quando acreditarmos que encontraremos mais conforto em outro lugar. Quantos monges e monjas deixam o mosteiro, aparentemente para "irradiar melhor a Cristo", ou para amar melhor os outros, enquanto a sua lâmpada já se extinguiu há muito tempo, porque não queriam acendê-lo com o fogo da comunhão fraterna, dos humildes e pobre unidade comunitária que preserva e transmite nada menos que o Fogo do amor da Trindade!

A consciência desta natureza verdadeiramente divina da unidade comunitária leva-nos, ao invés, a amar a nossa comunidade, a nossa convivência. A consciência que é daqui que a missão da salvação de Cristo passa ao mundo, a Vida eterna, trinitária, também nos torna responsáveis, responsáveis perante o mundo e sua salvação. Mas não uma responsabilidade perturbadora como se fôssemos encontrados sem poder diante de uma cidade que desmorona devido a um terremoto. Porque Jesus vinculou a nossa responsabilidade para com o mundo inteiro à nossa responsabilidade para com a nossa comunidade. A dimensão da nossa responsabilidade é o mundo inteiro, mas o campo em que assumimos essa responsabilidade universal é a esfera pequena e cotidiana de nossa comunidade. O que falta na unidade de amor da minha comunidade é o que falta na transmissão de Cristo Salvador ao mundo inteiro. É no meu pequeno campo que recebo e me pedem para trabalhar na messe do mundo.

Isso deveria nos encher de admiração diante do valor do nosso viver juntos, neste lugar preciso, com essas pessoas em particular, com todas as suas limitações e com todas as nossas limitações. Por outro lado, são os limites, tudo o que prova a unidade do amor de uma comunidade, que constituem o campo de trabalho. Portanto, devemos também olhar para todas as nossas limitações com uma espécie de veneração, como Jesus devia olhar para a sua aldeia de Nazaré, ou o pobre grupo de seus discípulos. Nossa comunidade é um lugar sagrado, porque é nela e através dela que Deus envia a glória de sua salvação ao mundo.

Antes de nos comprometermos a amar uns aos outros, é importante trabalhar para adquirir consciência do profundo valor da nossa vida, da nossa vocação, da nossa comunhão. Trabalhar, portanto, para estar ciente da transmissão de Cristo que nos foi confiada. Não há missão de vida maior e mais importante do que isso, mesmo quando se vive na monótona pequenez da vida cotidiana, mesmo quando se vive em uma comunidade pequena e frágil que talvez esteja prestes a fechar suas portas.

Creio que hoje, como sempre, essa é a ascese essencial: a ascese de perseverar na vida comum, cultivar a consciência de seu mistério escondido, para transmitir ao mundo o Salvador.